



ARTE, COMPLEXIDADE E POLÍTICA

Liliane Costa*
Izabel Petraglia**

Resumo: As artes, desde a pré-história, são instrumentos de registro e comunicação dos povos, pois, por meio delas, o homem se expressa e reflete sobre o mundo à sua volta. Durante a história, as artes se organizaram em diversas categorias, como as "artes visuais", que definem todas as formas de expressão que valorizam as imagens, com destaque para as pinturas, os desenhos, os pôsteres, o grafite e as intervenções artísticas. O objetivo deste artigo é refletir sobre as artes visuais como veículo de crítica e manifestação política ao longo dos anos, tomando como base alguns episódios históricos entre 1914 e 2019. Além disso, pretende-se aqui compreender a contribuição do seu ensino nas escolas de educação básica, à luz do pensamento complexo de Edgar Morin e da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, por meio de pesquisa bibliográfica em livros e artigos.

Palavras-chave: Artes visuais. Educação. Proposta Triangular. Complexidade. Política.

"[...] todo indivíduo, mesmo o mais restrito à mais banal das vidas, constitui, em si mesmo, um cosmo. Traz em si suas multiplicidades internas, suas personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, o sono e a vigília, a obediência e a transgressão, o ostensivo e o secreto, pululâncias larvares em suas cavernas e grutas insondáveis. Cada um contém em si galáxias de sonhos e de fantasias, de ímpetos insatisfeitos de desejos e de amores, abismos de infelicidade, vastidões de fria indiferença, ardores de astro em chamas, ímpetos de ódio, débeis anomalias, relâmpagos de lucidez, tempestades furiosas..." (MORIN, 2000, p. 44).

* Pedagoga pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (UnifMU). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Complexidade (Gepec/CNPq). Professora de educação básica concursada da rede municipal de São Bernardo do Campo. Os principais temas de interesse de pesquisa são: arte-educação, educação e pensamento complexo, e transdisciplinaridade. E-mail: lilianeprado04@gmail.com

** Pós-doutora pelo Centre Edgar Morin da L'École de Hautes Études em Sciences Sociales, Centre National de la Recherche Scientifique (Ehess/CNRS), doutora em Educação: Administração Escolar pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), mestra em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pedagoga pela PUC-SP e psicóloga pela Universidade Paulista (Unip). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Pesquisadora em Ciências Humanas e Sociais, especialmente sobre os temas: educação e complexidade, complexidade nas organizações, transdisciplinaridade, e sustentabilidade e mudanças climáticas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Complexidade (Gepec/CNPq). Autora de artigos, capítulos e livros, entre os quais: *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber* (Editora Vozes) e *Pensamento complexo e educação* (Editora Livraria da Física). E-mail: izabelpetraglia@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A arte foi canal de comunicação do homem desde a Antiguidade, além de registrar os acontecimentos, muitas vezes a serviço da criticidade e expressão diante dos fatos. Embora, no decorrer do caminho, tenha sofrido muitas tentativas de ser calada, a arte vem se reinventando e fazendo-se presente até os dias atuais das mais variadas formas e em diversos espaços, sejam eles físicos ou não. Apesar de seu histórico e da necessidade humana de expressão da subjetividade, do imaginário, dos afetos, como nos aponta Edgar Morin (2000) em epígrafe, o reconhecimento de seu valor ainda é incipiente.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as artes visuais como veículo de crítica e manifestação política ao longo dos anos, tomando como base alguns episódios históricos entre 1914 e 2019. Além disso, pretende-se aqui compreender a contribuição do seu ensino nas escolas de educação básica, à luz do pensamento complexo de Edgar Morin e da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, por meio de pesquisa bibliográfica em livros e artigos.

Artes visuais: instrumento da conscientização social

As artes nos acompanham desde os primórdios das organizações sociais e estão relacionadas à cultura, aos sentimentos e às emoções. Dentre suas diversas categorias, temos a expressão "artes visuais", que define as formas de expressão que valorizam as imagens. Por meio delas, o homem se comunica e reflete sobre o mundo à sua volta.

A história da humanidade é marcada por descobertas, evoluções, alianças, guerras, revoluções, manifestações. Esses aspectos impulsionam o planeta no decorrer dos anos, e, em cada um deles, os artistas expressam-se com suas criações, tornando-as instrumentos para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo. Em cada obra, é possível reconhecer a singularidade, personalidade e essência de quem trabalhou sobre ela.

Cada pintura encontrada nas paredes das cavernas, os quadros em museus e os cartazes pelas ruas documentam a vida por meio de um olhar criativo. As retratações artísticas dialogam com o público, transmitem informações e conhecimentos, alojam-se na memória daquele que até com um olhar rápido fotografa o que viu.

Embora muitas vezes deixado de lado, o poder imagético é um grande aliado das autoridades, dos governos, dos patrões, dos empregados, além de ser um importante meio de comunicação entre as classes sociais mais ou menos favorecidas.

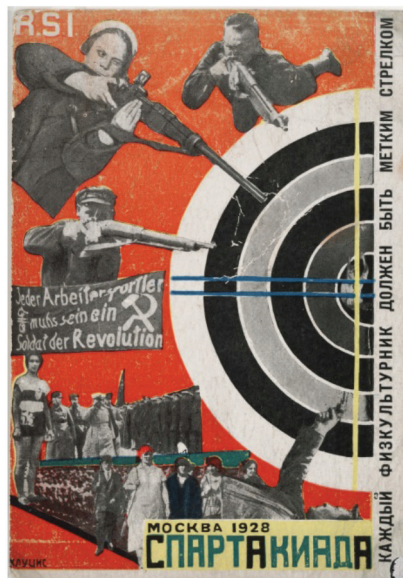
Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), podemos ver duas linhas sendo traçadas: diversos artistas foram incumbidos de retratar os confrontos, como foi o caso, por exemplo, de Muirhead Bone (1876-1953), contratado pelo Escritório de Publicidade de Guerra da Grã-Bretanha, que em seis semanas produziu mais de 150 obras de arte realistas sobre a destruição do território francês (VOMERO, 2018).

Contudo, em um país neutro, na capital da Suíça, Zurique, alguns artistas, majoritariamente estrangeiros exilados, entre eles Hugo Ball (1887-1927), Tristan Tzara (1896-1963) e Marcel Janco (1895-1984), reuniam-se para contestar a guerra e os padrões preestabelecidos às obras de arte, em um bar transformado em cabaré, chamado "Cabaré Voltaire", nascendo assim o movimento "Dada". Em 1916, Tristan Tzara escreve o principal manifesto: *A primeira aventura celestial do Senhor Antipirina* (TRINGALI, 1990).

O movimento não teve longa duração, pois não conseguiu adaptar-se aos resultados da Revolução Russa (1917), ligado a um novo momento: a renovação da sociedade e das artes. Contrapondo-se ao Suprematismo, movimento idealizado por Kazimir Malevich (1878-1935), que defende a arte livre, longe da imitação o mundo real, Vladimir Tatlin (1885-1953) trabalhava com um programa para a nova sociedade que surgia, iniciado por Wassily Kandinsky (1866-1944), incluindo as ideias de Malevich e Tatlin. Posteriormente, Kandinsky e seus ideais foram recusados, e, com o fim da Revolução Russa, as esculturas e pinturas passaram a ser pensadas como construções e não representações, utilizando formas geométricas, cores primárias, colagens, desenhos com régua e compassos, buscando a racionalidade, assim como eram as ideais de Tatlin (GRAY, 2004).

Esse movimento cresceu e ficou conhecido como Construtivismo Russo, que, entre todas as suas características, dialogava com as massas, comunicando-se com imagens para a população que, em sua maioria, não sabia ler, a serviço da compreensão e do apoio ideológico.

Figura 1 *Postcard for the All Union Spartakiada Sporting Event*, de Gustav Klutsis, 1928



Fonte: Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/7026?artist_id=12501&locale=pt&page=1&sov_referrer=artist. Acesso em: 22 mar. 2019.

Porém, com o governo Stalin (1924-1953), a boa relação da política com a arte acabou. Todavia, o Construtivismo Russo deixou fortes influências diretamente na Arte Moderna.

No Brasil, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, no imponente Teatro Municipal, ocorreu a Semana da Arte Moderna, evento que oficializou o Modernismo no Brasil, sendo um marco para a renovação da arte e literatura brasileiras.

O movimento modernista tinha como uma das suas faces o objetivo de cessar com as fórmulas artísticas definidas que apoiavam a submissão aos modelos europeus e impediam a livre expressão, aproveitando o fato da independência política do Brasil para que isso também acontecesse com as artes.

Mario de Andrade, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Graça Aranha, entre outros artistas, pensaram na Semana e no movimento com um conceito nacionalista crítico, incluindo denúncia de problemas sociais (AJZENBERG, 2012).

A obra *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral (1886-1973), é um símbolo do Modernismo na pintura brasileira. O homem de mãos e pés grandes pode representar o trabalhador que exerce o esforço físico, sendo na época o ofício da maior parte da população. A cabeça pequena faz referência à falta do pensamento crítico.

Figura 2 *Abaporu*, de Tarsila do Amaral



Fonte: Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/bbc/2019/04/03/abaporu-a-historia-do-quadro-mais-valioso-da-arte-brasileira-que-voltara-a-ser-exposto-no-pais.htm>. Acesso em: 27 mar. 2019.

Outro grande marco artístico de manifestação e obras políticas diante dos fatos históricos é o painel *Guernica* (1937), do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973). A obra leva o nome do vilarejo Gernika (País Basco), bombardeado em um ataque aéreo em 26 de abril de 1937 por aviões nazistas na Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Em *Guernica*, as cores e cada elemento pintado criticam e pedem paz. Na obra, estão presentes os elementos do manifesto do pintor, como a mãe que chora com o filho morto em seus braços (canto esquerdo), a mulher desesperada ao ver sua casa em chamas (canto direito), além dos detalhes como o soldado caído com sua espada quebrada, indicando a derrota do povo (LEMES, 2016).

Figura 3 *Guernica*, de Pablo Picasso



Fonte: Disponível em: <https://www.revistapazes.com/7061-2/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

Outro reflexo nazista é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com todos os países envolvidos. As mulheres foram convocadas para atuar como enfermeiras, operárias ou pilotos de transporte. Esse cenário estimulou o movimento de igualdade de gênero.

Figura 4 *We can do it!*, de J. Howard Miller



Fonte: Disponível em: https://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_538122.

Acesso em: 30 mar. 2019.

O pôster norte-americano *We can do it!* ("Nós podemos!") incitava as mulheres a participar da força operária nas fábricas dos Estados Unidos. Hoje a imagem é símbolo do movimento feminista, que passou a ganhar mais visibilidade a partir dos anos 1960 (JESUS; ALMEIDA, 2016).

Na década de 1960, a busca pela igualdade de gênero, etnia e sexualidade começou a se fortalecer. Com o feminismo, outros movimentos sociais surgiram e incorporaram o ativismo. Eis uma das definições da palavra "ativismo":

Ação intencional que decorre de uma grande variedade de motivações políticas e pode assumir diversas modalidades de expressão, como, por exemplo, o envio de cartas à mídia impressa e eletrônica, comícios, greves, sabotagem, resistência passiva ao governo, manifestações de rua e, nos casos mais extremos, táticas de guerrilha e terrorismo (MICHAELIS, 2019).

Sendo assim, a arte também acompanhou as manifestações, dando origem ao "ativismo", assumindo uma função sociopolítica crítica, contribuindo com o diálogo de conscientização, mobilização e educação. O ativismo expandiu-se em meados dos anos 1990, com o desenvolvimento da tecnologia, tendo como aliada a internet, que alcança as massas (CHAIA, 2007).

Ainda na década de 1960, de 1964 a 1985, o Brasil viveu a ditadura militar, símbolo de repressão e censura. Apesar de congelar grande parte da cultura brasileira, a ditadura estimulou a criatividade nas artes, que, para manterem-se ativas, precisaram buscar metáforas ou eufemismos. Entre as diversas criações, ressaltamos a intervenção artística *Trouxas ensanguentadas* (1970), de Artur Barrio (1945-):

A obra de Barrio surpreendia os passantes, chamava-os, gerava aglomeração (algo proibido em primeira instância pelo regime) e concentrava o horror do ato de ver e de pensar que aquilo ali poderia ser um companheiro, um filho, uma irmã. *Trouxas ensanguentadas* falava diretamente com todos esses pais que estavam à procura dos filhos, jovens que saíram de casa e simplesmente sumiram. Surpreendia também, porém, o policial, que pensava como foi que isso escapou do quartel? Em que momento deixamos sair as provas positivas do que estamos fazendo?! Temos que limpar o esgoto! (CAYSES, 2014, p. 119).

Figura 5 *Trouxas ensanguentadas*, de Artur Barrio



Fonte: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1741220-autor-reaviva-forca-de-artistas-contrarios-a-ditaduras-militares.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2019.

Em meio à ditadura, em 1970, nasce no Brasil o grafite, a arte urbana, com obras presentes nas paredes e nos muros, no caminho para casa depois do trabalho, ou enquanto vamos até a padaria comprar pão, que muitas vezes nos passam despercebidas. De caráter inicialmente anônimo, os grafites carregam em sua arte mensagens com traços de protestos políticos, culturais ou sociais. Destacamos o artista grafiteiro Paulo Ito (1978-).

Figura 6 Grafite de Paulo Ito



Fonte: Disponível em: <http://www.musicasdeandarilho.com/2014/06/brazuca-e-bom-de-bola.html>.

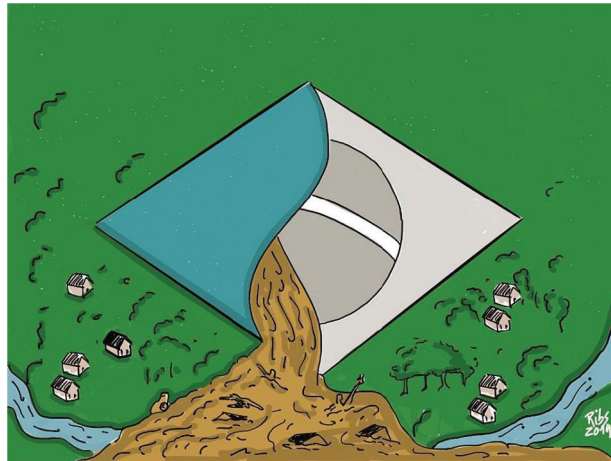
Acesso em: 4 abr. 2019.

Essa obra foi feita no portão de uma escola em São Paulo, em 2014, ano em que o Brasil foi sede da Copa do Mundo, e ficou muito conhecida por meio da internet.

A internet como ferramenta de trabalho, estudo e comunicação teve sua expansão a partir de 1990, ano do desenvolvimento tecnológico e da comunicação rápida, informações chegando à velocidade da luz e bombardeio de imagens. Com isso, ganhamos as redes sociais, aproximando pessoas de todo o mundo e promovendo um diálogo direto entre os artistas e o público, incluindo os artistas digitais.

Nesse cenário, ressaltamos a página do Facebook "Ribs", em que podemos encontrar diversas obras ilustradas, carregadas de críticas políticas e sociais, na palma da nossa mão.

Figura 7 Ilustração de Matheus Ribs



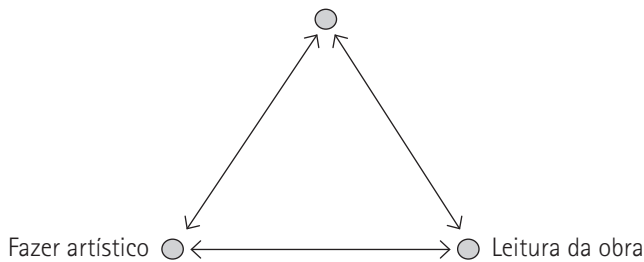
Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/matheusribsoficial/photos/a.234425240049820/1187069568118711/?type=3&theater>. Acesso em: 4 abr. 2019.

Constatando a presença, a importância, o conhecimento e a força que as imagens e obras exercem, entre 1987 e 1993, Ana Mae Barbosa (1936-) sistematizou e testou a Proposta Triangular, que propõe a leitura da obra, a contextualização e o fazer artístico (ler-contextualizar-fazer), com sua principal influência, Paulo Freire, que também propôs a "abordagem triangular": conscientização crítica, leitura de mundo e contextualização da realidade dos educandos.

Pensando a realidade do ensino das artes no Brasil, a origem da proposta é a triangulação, formando três vertentes que não têm uma ponta inicial ou um caminho a ser seguido. Essa ideia nós já apresentamos em estudo anterior (PETRAGLIA; COSTA, 2017, p. 241-243):

- *Leitura da obra*: interpretação singular da imagem, em que ocorre não apenas uma leitura, mas também leituras, considerando que cada um interpreta à sua maneira a obra. Desperta o senso crítico e juízos de valores, e resulta na compreensão das obras e na lucidez na recepção das imagens que nos cercam.
- *Fazer artístico*: sem base em imitações, estimula a imaginação, a fantasia e o desenvolvimento da criatividade e expressão, contribui para o autoconhecimento, possibilita o processo de criação próprio e não se resume à releitura.
- *Contextualização*: conhecer o momento histórico e a visão do artista diante dos acontecimentos no momento da criação, de modo a estabelecer relações. Possibilita contextualizações históricas, antropológicas, psicológicas, entre outras.

Figura 8 Ilustração da Proposta Triangular com base em Ana Mae Barbosa



Fonte: Petraglia e Costa, 2017.

Com sua ampliação no decorrer dos anos, muitos educadores interpretaram que sua aplicação deveria seguir uma ordem hierárquica, em que as vertentes seriam propostas separadamente, como apresentar a obra de arte e realizar a leitura, depois a contextualização e por último o fazer artístico. Porém, quando esses elementos acontecem separados, não há interligação entre eles. Os educadores devem compreender que não se trata de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem.

A Proposta Triangular e suas vertentes encaminham o trabalho com a educação para a formação do cidadão crítico com a realidade, autônomo, inclusive intelectualmente e participativo com a cultura, além de proporcionarem a experimentação, reflexão, associação, integração e alfabetização visual, contribuindo para o desenvolvimento integral do ser humano e a compreensão de mundo.

A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998b, p. 17).

A relação entre sociedade brasileira e as artes ainda é precária. A educação pode reforçar esse laço, mas isso não significa apenas propor à turma uma atividade de desenho livre, é preciso apresentar também o poder das criações, tanto no diálogo com as massas quanto na transformação do planeta. É necessário que a escola valorize a arte em suas múltiplas manifestações.

Estamos de acordo com Morin (2000, p. 49) quando afirma:

É no romance, no teatro, no filme, que percebemos que *Homo sapiens* é, ao mesmo tempo, indissolavelmente, *Homo demens*. É no romance, no filme, no poema, que a existência re-

vela sua miséria e sua grandeza trágica, com o risco de fracasso, de erro, de loucura. [...] É, pois, na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida.

No mundo atual, com meses de idade as crianças já são presenteadas com celulares e *tablets*, com acesso ilimitado para a distração, tão desejada pelos pais. Os aparelhos conectados à internet são veículos de passe livre para todos os tipos de imagens, que podem induzir e controlar o comportamento daquele que as recebe, influenciando posteriormente e/ou no dia a dia. Isso não é muito diferente com os adolescentes, adultos e idosos que também estão conectados às redes: "Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura é fundamental, e a leitura da imagem artística, humanizadora" (BARBOSA, 1998b, p. 35). Assim sendo, é necessário o estímulo da criticidade, com a intenção de construir uma sociedade que não seja manipulada ou alienada pelos discursos imagéticos.

A escola também é um veículo de oferta de imagens; os livros, desde a educação infantil, apresentam imagens que muitas vezes afirmam valores a certos estereótipos, podendo ser fácil a reflexão quando comparamos quantos contos levam princesas e heróis brancos e quantos apresentam um protagonista negro, por exemplo. E, além disso, "É na morte de nossos heróis que temos nossas primeiras experiências da morte" (MORIN, 2000, p. 49).

É indispensável a educação do olhar dos educandos que consomem esses materiais, de modo que contextualizem o que veem, entendam por que aquelas representações são como são, reflitam o momento histórico e a mensagem que carregam, além da análise da importância daquela criação no tal cenário, e compreendam então a necessidade também do trabalho de ateliê: o fazer artístico!

O "fazer" envolve o agente na causa. Toda a criação exercida, independentemente do tema sugerido, tem a experiência de vida real ou imaginária de cada criança, o campo de busca para a inspiração, e o engajamento criativo é muito amplo e vai da influência midiática, dos acontecimentos do dia a dia até os conteúdos conhecidos na escola (BARBOSA, 1975).

Esse "espírito" pesquisador que o fazer artístico promove nas diversas esferas, sem fragmentação, considerando os conhecimentos prévios, além dos mediados na escola, lança-nos aos termos "inter e transdisciplinaridade", que devem ser apreendidos para que as escolas e os educadores reconheçam as contribuições metodológicas ofertadas pela Proposta Triangular e o ensino das artes.

Além disso, as obras remeterão à visão do estudante sobre si. Barbosa (1998a) entende que o adolescente "precisa da arte para expressar os seus conflitos, para descobrir quem ele é. É na relação da observação do mundo e da sua reflexão, como pessoa que expressa alguma coisa, que ele se encontra com mais facilidade".

Morin (2000, p. 44) corrobora essa ideia ao se manifestar sobre a importância da arte de modo geral:

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz. E o milagre de um grande romance como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço.

Assim, os artistas, em seus respectivos tempo e espaço, cada um refletiu sobre os mundos interno e externo no qual estava inserido e criou à sua maneira um diálogo consigo, com o outro, com o cosmo. Não existem barreiras ou formação necessária para a produção, reflexão e crítica ao universo ao redor. De acordo com a máxima de René Descartes: "Penso, logo existo", e a ampliando livremente, então penso, logo observo, analiso, critico, crio, sonho, sinto, me conscientizo, vivo!

Estamos de acordo com a ideia de se estabelecer uma política do bem-viver (HESSEL; MORIN, 2012) que considere uma cultura estética, capaz de estimular o estado poético da existência humana, a partir do maravilhamento do mundo e em direção a ele. Para os autores: "A estética das obras nos permite desenvolver uma estética de vida cotidiana" (HESSEL; MORIN, 2012, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um país desenvolvido, são fundamentais o conhecimento histórico e cultural, a apreciação artística e a conectividade com ela. Atualmente, esses fatores ainda são deficientes em nossa sociedade. A valorização artística tanto cultural quanto educacional está banalizada, as escolas não reconhecem sua relevância, estendendo-se às famílias que consomem o mínimo e, em sua maioria, sem critério.

Desde um passado não tão distante até os dias atuais, a arte crítica, informativa e dialógica sempre esteve presente nas civilizações de todo o mundo. O homem sempre procurou expressar e contar sua visão acerca dos acontecimentos constantes da humanidade. Hoje, com o acesso constante às informações e com o despreparo do público para recebê-las, muitos também utilizam a internet para induzir as massas aos comportamentos desejados, às escolhas ou aos estilos de vida.

Uma das possíveis brechas para a mudança é a educação (MORIN, 2000, 2010), e a escola é um caminho capaz de proporcionar um contato mais efetivo com a arte (PETRAGLIA, 2013),

mediar a alfabetização visual e apresentar os conhecimentos pertinentes que podem ser absorvidos (MORIN, 2010). A formação do professor ainda é falha quanto a esse assunto, mas, vislumbrando perspectivas de metamorfose (MORIN, 2000, 2002) e conscientes dessa necessidade, temos os subsídios da Proposta Triangular, que possibilita a metodologia criada pelo professor, levando em conta o contexto da sua sala de aula.

Vale também considerar a possibilidade autoformativa do sujeito que, *Homo sapiens-demens*, constrói e restaura o seu caminho pessoal e individual por meio do processo auto-e-co-organizador que é contínuo e permanente (MORIN, 2000, 2002, 2010, 2011). Essa perspectiva humana pode operar o estabelecimento de uma política de civilização cultural que leve em conta "uma política da estética, a qual contribuiria para propagar e democratizar a poesia de viver, para fazer com que cada um possa conhecer as belas emoções e descobrir suas próprias verdades por meio das obras-primas [...]" (HESSEL; MORIN, 2012, p. 54).

Permanece a esperança de um Brasil mais esclarecido, autônomo, pesquisador, com gente feliz. Uma sociedade crítica, participativa, em prol de qualidade e igualdade de oportunidades de vida para todos.

Art, complexity and politics

Abstract: The arts since the prehistory is an instrument of registration and communication of people, through it the human expresses itself and reflects on the world around them. Throughout history the arts have been organized in several categories, among them the "visual arts" that defines all forms of expression that value images, highlighting the paintings, drawings, posters, graphite, and artistic interventions. The objective of this article is to reflect about the visual arts as a vehicle of criticism and political manifestation over the years, based on some historical episodes between 1914 and 2019, and it is also objective, to understand the contribution of its teaching in the schools of basic education, based on the Edgar Morin's complex thinking and the Triangular Proposal, by Ana Mae Barbosa, through bibliographical research in books and articles.

Keywords: Visual arts. Education. Triangular Proposal. Complexity. Politics.

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, E. A Semana da Arte Moderna de 1992. *Revista Cultura e Extensão USP*, v. 7, p. 25-29, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46491/50247>. Acesso em: 27 mar. 2019.

BARBOSA, A. M. Entrevista concedida ao programa *Roda viva*. 1998a. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/370/entrevistados/ana_mae_barbosa_1998.htm. Acesso em: 5 abr. 2019.

BARBOSA, A. M. *Tópicos utópicos*. 2. ed. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998b.

BARBOSA, A. M. T. B. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAYSES, J. B. V. de. Isto não é uma obra: Arte e ditadura. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 115-128, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100011. Acesso em: 3 abr. 2019.

CHAIA, M. Artivismo – política e arte hoje. *Aurora*, n. 1, p. 9-11, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6335/4643>. Acesso em: 1º abr. 2019.

GRAY, C. *O grande experimento: arte russa 1863-1922*. Tradução Luiz Antonio Pitanga do Amparo. São Paulo: Worldwhitewall, 2004.

HESSEL, S.; MORIN, E. *O caminho da esperança*. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

JESUS, C. C. de; ALMEIDA, I. F. O movimento feminista e as redefinições da mulher na sociedade após a Segunda Guerra Mundial. *Boletim Historiar*, n. 14, p. 9-27, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/5439/4460>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LEMES, R. F. *Guernica: a impressão subjetiva de um gênio cubista*. *Revista Pazes*, 2016. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/7061-2/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 1º abr. 2019.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Tradução Jurmir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2010.

MORIN, E. *O método 2: a vida da vida*. Tradução Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PETRAGLIA, I. *Pensamento complexo e educação*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

PETRAGLIA, I.; COSTA, L. A importância das artes na educação. *Revista Plurais*, v. 7, n. 2, p. 238-256, 2017. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/8099>. Acesso em: 9 abr. 2019.

TRINGALI, D. Dadaísmo e surrealismo. *Itinerários: Revista de Literatura*, n. 1, p. 27-59, 1990. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1236/1004>. Acesso em: 24 mar. 2019.

VOMERO, M. F. Os artistas da 1ª Guerra Mundial. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/os-artistas-da-1a-guerra-mundial/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

Recebido em maio de 2019.
Aprovado em agosto de 2019.